3 1761 03552 2804

PQ
9161
S7C45

36

OS CEM SONETOS

COM UM PREFÁCIO
de MAYER GARÇÃO

PORTUGAL-BRASIL L.DA
SOCIEDADE EDITORA
LISBOA.

MORAES

Raro

Papel de linho

OS CEM SONETOS

TIRAGEM ESPECIAL

Seis exemplares numerados em papel *Whatman*

OS CEM SONETOS

COM UM PREFÁCIO

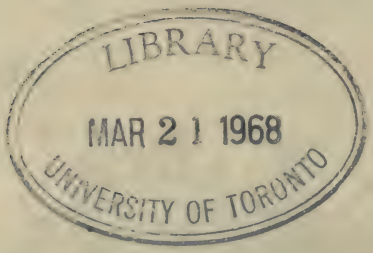
DE

MAYER GARÇÃO

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL

M CM XX

PQ
9161
S7C45



PREFÁCIO

Quando *A Manhã* anunciou que ia publicar uma colecção de cem sonetos portugueses e brasileiros, teve o cuidado de prevenir o seu público de que não se tratava de reùnir, numa centena de produções literárias dêsse género, o que de melhor, na nossa língua, em tais produções se tem realizado. Militaram para isso duas razões. A primeira era a de que não poderiam figurar em tal série mais de três ou quatro poetas dos dois países. Com efeito, difícil seria já a escolha entre os sonetos de Camões, Antero de Quental, Olavo Bilac e Raimundo Correia ; mas, realizada essa escolha, o que é inegável é que já se não encontraria lugar para mais ninguêm. A poesia portuguesa, nesse género literário, ao mesmo tempo tam vulgarizado e tam difícil, conta, felizmente, muito mais de cem sonetos modelares. A segunda razão é que precisamente se desejava variar os tons dessa poesia, e mostrar, não só que tínhamos

muitos bons sonetos, mas também bastantes poetas que no soneto têm sabido definir uma nota de emoção, de elegância, de originalidade e de harmonia, em que se autenticam a riqueza e a florescência do espírito poético nos dois povos que falam a mesma língua e patenteiam a mesma alma.

Há, na poesia luso-brasileira, diferentes escolas, maneiras várias que marcam épocas na sua história literária. Elas correspondem, como uma vibração fiel, ao que de mais belo, de mais requintado, de mais precioso, nas outras literaturas se tem podido registar. Não estamos em condições de inferioridade perante nenhuma delas. Aos seus poemas podemos contrapor os nossos poemas, as nossas líricas às suas líricas, e, entrando numa questão de detalhe, que neste momento nos interessa, os nossos sonetos aos seus sonetos. Assim como os *Lusíadas* não cedem em sublimidade à *Divina Comédia* nem à *Légende des Siècles,* assim também Petrarca não falou mais líricamente do amor do que o nosso João de Deus, e se o soneto de Félix Arvers grangeou ao seu autor o preito duma estátua, ¿que estátua não mereceria pela maravilhosa cadeia dos seus inigualáveis sonetos êsse grande poeta, talvez o maior dos fins do século XIX, que se chamou Antero de Quental?

Tem havido quem, baseando-se em certas aparências de cristalização ou estiolamento, tenha profetizado a morte da poesia. Momentos existem que, com efeito, se diriam crespusculares para essa dulcíssima e encantadora arte em que o génio humano desentranhou as suas perfeições máximas e as suas sensibilidades extremas.

Porventura num dêsses momentos nos encontramos agora. Valha-nos, porêm, a reflexão de que outros têm havido em que fenómeno idêntico se observou, e da sombra que parecia envolver glacialmente, numa subversão tumular, a lira que tangeram os Vergílios e os Tassos, novas auroras têm raiado, revivificando, em almas privilegiadas, a palpitação sagrada da poesia. Em meados do século findo, espraiava, dêste recanto ocidental, um olhar pela Europa inteira, o nosso Latino Coelho, e afigurava-se-lhe que, mortos Vítor Hugo e Manzoni, a poesia se podia considerar extinta. Já então se estava gerando a pléiade admirável dos parnasianos que com Leconte de Lisle, Banville, Heredia e tantos outros levaram as perfeições da forma poética a belezas ainda não atingidas, e mais tarde, com o influxo duma originalidade rebelde, imprimiram novos *frissons* na sublime arte espíritos tam bizarros e poderosos como Charles Baudelaire e Jean Richepin. No fim do século, Huysmans renovava a profecia amarga, e também êle era desmentido pelos factos, porque em França, na Itália, na Inglaterra, na Espanha, e entre nós mesmo, poetas como Edmond Rostand e Jean Aicard, como Gabriel d'Annunzio, como Rudyard Kipling, como Bartrina e Campoamor, como Antero de Quental, Gomes Lial e Guerra Junqueiro, em diversíssimas modalidades do génio poético, provaram que se há cousa eterna no mundo é a emoção humana desentranhando-se nas harmonias do canto e em vôos da inspiração!

Hoje, atravessamos um novo momento de crise. Na própria França, nenhum vulto de poeta se ergue, em

promissora pujança, ou fazendo-nos antever uma nova irrupção de génio nas claridades latinas, e são essas, até agora, as que mais favorecem o desabrochar da floração lírica. Morreu Hugo, morreu Verlaine, Richepin está na decadência. Gabriel d'Annunzio largou o plectro para empunhar uma espada, em que ardem scintilações do aço garibaldino. Rudyard Kipling já não interpreta as sensações desconhecidas dos misteriosos juncais que uma alma formidável habita. Morreu Bartrina, e levou consigo o segrêdo da sua dúvida; morreu Campoamor, e levou consigo o segrêdo do seu amor. Entre nós, verdadeiramente grandes só há dois poetas que já não cantam: Guerra Junqueiro e Gomes Lial. Entretanto, a poesia não morrerá. Em germinações mais modestas ela irá inesgotávelmente vitalizando o sentimento eterno que anima as gerações, e que em certas épocas culminantes consegue encontrar as expressões do génio.

*

¿Porque será que o soneto, através de todas as eras modernas e de todas as escolas literárias, tem conseguido sempre o aprêço fiel dos mais variados temperamentos artísticos? Em meu entender, o soneto possui êsse privilégio pelo primacial poder da síntese. Diga-se o que se disser, uma idea, uma impressão, um sentimento serão tanto mais poderosos quanto duma maneira mais sucinta, e, por isso mesmo, mais instantânea, mais penetrante, conseguirem vincar-se no espírito do leitor. Para me servir duma expressão moderna, sou tentado

a dizer que o soneto é como que a imagem cinematográfica em que se desenha, nos seus pontos essenciais, um drama rápido, perpassando tam velozmente como um rápido sorriso, sem por isso, tantas vezes, deixarem de imprimir na imaginação um profundo sulco. Espraiando-se nobremente como uma onda sonora, que vem desfazer-se na praia, ou lançando, no espaço, um grito em que eternidades do ideal ou da paixão se concentram na vibração dum minuto, o soneto tem sempre um aspecto definitivo. Educa como uma lição, sensibiliza como um ai, encanta como um sorriso, atrai como um drama, enternece como um idílio ou preocupa como um problema. Mas, em todo o caso, tudo deixa dito. Tem de ser uma expressão perfeita, iniciando, desenvolvendo, concluindo um pensamento, como a sua beleza deve passar por todas as gradações do som, da côr e da luz.

Foi porque assim o compreendeu e sentiu que Boileau não teve dúvida em afirmar que

un sonnet sans défauts vaut seul un long poème

e, na realidade, assim é, não sendo difícil comprová-lo com qualquer das obras primas do género. ¿Para não sair da colecção a que estou levantando êste modesto pórtico, não valerá o formidável, o maguado, o decisivo soneto de Antero, que a encerra como uma lápide, erguida por cíclopes, onde o fogo da sarça ardente marcasse o sêlo divino, não valerá êsse soneto todo um poema em que se exprimisse o derradeiro desengano do espírito ansioso à procura duma verdade absoluta que

através de religiões, sciências e filosofias parece deixar-se entrever para jamais ser conquistada? Os sonetos de Antero marcam a peregrinação dum espírito superior à procura dessa certeza inatingível. Reflectem a aspiração do século, combatido entre as hesitações da dúvida e as intuições da fé. Por fim, êsse espírito reconhece a vacuìdade de todas as pretensões milenares em que se tem querido chegar ao conhecimento do enigma eterno; verifica que talvez a máxima sabedoria esteja na aceitação da máxima ignorância, e o titan que investiu contra o infinito só deseja converter-se de novo numa criança, embalada na crença simples e tranqùila duma bondade desconhecida e suprema. O coração, como débil infante, vai dormir na grande, na misericordiosa mão de Deus, onde antevê os carinhos duma mãe.

¿Não será isto a expressão máxima do atormentado pensamento dêsses *chercheurs d'idéal* para cuja sêde de saber é pequeno o âmbito do vasto mundo? Com estas dolorosas peregrinações da alma através de teorias, sistemas e filosofias, poder-se-ia fazer o maior poema das idades modernas. O seu remate não seria diverso do que assinala o soneto de Antero, que é ao mesmo tempo fecho e condensação de toda a sua existência espiritual. Vale bem um longo poema, como diria Boileau, comprovando ainda, no domínio das realizações perfeitas, como se pode revestir a sublimidade do pensamento com uma forma sem defeito e sem mácula.

¿Veio da Itália o soneto, trazendo, com os primores de Petrarca, o aroma das purpurinas rosas de Lácio? ¿Ressuma a frescura da fonte de Vaucluse, assim como

mais tarde pode flamejar nas chamas do Vesúvio? O certo é que êle nunca mais pereceu, e em todos os tempos, como nas várias latitudes, soube ser o murmúrio do coração ou a chama da consciência. A todas as inflexões se amoldou, e de todos os sentimentos soube ser intérprete. E de tal forma sempre apaixonou os maiores espíritos que na poesia acharam consolação e fé, de tal forma triunfou de todas as passageiras escolas da arte, de tal forma irradiou por toda a parte como uma fragância sempre bem amada dos que prezam as cousas belas, que Sainte-Beuve fez ao *soneto* êste soneto em que a judiciosa apreciação do crítico não é menos apreciável do que o entusiasmo do poeta, e que, num livro de sonetos, ao leitor não desagradará decerto encontrar:

Ne ris point du sonnet, ô critique moqueur;
par amour autrefois en fit le grand Shakespeare;
c'est sur ce luth heureux que Pétrarque soupire,
et que le Tasse aux fers soulage un peu son cœur.

Camoens de son exil abrège la longueur,
car il chante en sonnets l'amour et son empire.
Dante aime cette fleur de myrte, et la respire,
et la mêle au cyprès qui ceint son front vainqueur.

Spencer, s'en revenant de l'île des féeries,
exhale en longs sonnets ses tristesses chéries;
Milton, chantant les siens, ranimait son regard.

Moi, je veux rajeunir le doux sonnet de France;
du Bellay, le premier, l'apporta de Florence,
et l'on en sait plus d'un de notre vieux Ronsard.

Sim! Pode dizer-se que o sceptro do soneto tem passado pelas mãos dos maiores poetas do mundo. Empunhou-o Shakespeare como o manejaram, além de Petrarca, o Dante, o Tasso, Camões, Milton, Ronsard. E até aos românticos como Musset, aos satânicos como Baudelaire, aos parnasianos como Leconte de Lisle, aos neo-românticos como Rostand, aos naturalistas como Richepin, aos simbolistas como Verlaine, aos decadentes como Rimbaud, todos lhe deram uma nota própria, de originalidade, de viço, mesmo de excentricidade, sem êle perder o brilho e a magia que da sua mesma estrutura ressalta quando um pensamento, que não seja banal, uma emoção que não seja falsa, nela inegávelmente transpareçam.

É nessa circunstância que realmente reside a lei do soneto. Sem dúvida, de princípio, na rigidez da forma clássica, só se admitia, segundo a regra de Boileau, a sua composição com duas rimas uniformemente intercaladas nas quadras, e só os que estavam nessas condições eram considerados sonetos regulares. Para o soneto irregular, bastava uma transposição das rimas em qualquer das quadras, e isso se observa num dos maiores sonetos da história literária: o soneto de Arvers. Quanto àqueles em que as rimas duma quadra não são as mesmas da outra, os praxistas levaram o seu horror até o ponto de lhes chamar sonetos libertinos! Todavia é êsse o caso do grande soneto de Baudelaire, *Correspondances*, em que não será difícil encontrar a génese de todas as novas fórmulas da arte a que o simbolismo deu ou tenta dar expressão.

Depois disso, quantas modificações experimentou ainda a técnica do soneto, sem que, contudo, fôsse alterada a sua forma essencial! Até as regras da metrificação não têm sido respeitadas. O espírito da moderna poesia, audacioso e rebelde, reagiu contra todas as praxes. Não aboliu, porêm, o soneto, utilizou o molde das suas catorze linhas inflexíveis, e dentro delas, com maior ou menor liberdade, sempre soube definir um pensamento ou uma emoção. Porque essa é que é realmente a norma indestrutível do soneto.

*

A publicação da série dos cem sonetos que são agora dados à estampa em volume obedeceu sobretudo ao desejo de provar, duma maneira flagrante, que na literatura luso-brasileira o soneto tem tido admiráveis cultores, e bem assim que essa literatura se amoldou a todas as variações que no género a história das outras literaturas tem registado. Desde o impecável soneto clássico, do tipo mais regular, até aqueles em que modernamente uma maior liberdade se observa, tudo, nesta formosa língua, falada dos dois lados do oceano, língua cuja harmonia não cede à de nenhuma outra, cuja plasticidade à de nenhuma outra é inferior, tudo se tem conseguido exprimir com brilho, vibração e doçura que não empalidecem ante as melhores produções da lírica estrangeira. Sainte-Beuve citou Camões como um dos grandes mestres do soneto. Se o seu conhecimento da nossa literatura fôsse maior, já poderia citar Bocage,

para só falar dêste príncipe da poesia, e, mais tarde, se lhe houvesse sido dado apreciar os sonetos de Antero de Quental, a sua poderosa crítica necessáriamente teria de o reconhecer como um dos cultores supremos do soneto em todos os tempos e em todas as línguas! O mesmo se deveria ainda mais modernamente dizer de Olavo Bilac, cujo estro é qualquer cousa de mágico e sublime, em que se desatam, entre loureiros da Hélade, as melodias de Orfeu.

Todas as notas musicais da alma, todos os aspectos da vida, todas as *nuances* do sentimento, se encontram fixados nos sonetos que se vão ler. Percorre-se uma verdadeira gama de sensações, desde as que resultam dos devaneios simples, que são como florinhas do campo num jardim majestoso, até as que vibram na paixão violenta das maiores impressões do espírito. Aí temos a galeria dos sentimentais, dos amorosos, em que Camões comanda uma verdadeira *ala dos namorados*. Nessa ala refulgem os primores do estro de João de Deus, de Eugénio de Castro, de Luís Guimarães, de João Saraiva, de Nunes Claro, de Fausto Guedes, os delicados, os melindrosos; mas há também os violentos como Emílio de Meneses, Raimundo Correia, Hamilton de Araújo, José Duro, nos quais uma dor amarga ou uma sensualidade ardente clama desejos e imprecações. Aí temos os filósofos, com Antero de Quental, Camilo Castelo Branco, Costa Alegre, todos tirando da angústia humana uma lição nova ou uma queixa dilacerante. Aí temos os cantores da fantasia, em que plumagens de ouro parecem recobrir a ave azul que segreda harmo-

nias ao ouvido dos predestinados, os preciosos, os requintados, como Bilac, Júlio Dantas, e êsse estranho artista, cujos versos têm assonâncias de cristal e fragâncias dos lírios, que se chama Camilo Pessanha, e que é tam desconhecido da maior parte do público de ambos os países. Aí temos os revolucionários, os rebeldes, os satânicos, como Guerra Junqueiro, Gomes Lial, e estes nomes soam já como o clarim das apoteoses, acompanhados por Fontoura Xavier, Fernando Lial, Ciro Costa, cheios de originalidade e de emoção. Aí temos os que procuram discriminar, com o auxílio dêsse vago sexto sentido de que falava Maupassant, sensações novas, entrevistas leis duma compreensão mais vasta do universo e dos seus dramas, Teixeira de Pascoais, João Lúcio: um lê uma dor diversa nos olhos dos animais; o outro investiga a própria sensação das cousas. Os simples, os modestos, deixam falar o coração como canta uma água que corre, são cheios de delicadezas e sensibilidade, como João Clímaco, desaparecido ainda na mocidade, Fernando Caldeira, D. João da Câmara, alma de santo casada com um coração de boémio. O sofrimento, as torturas do espírito, a esperança numa bondade infinita impregnam de unção religiosa os sonetos de António Nobre, de António Dinis da Cruz e Silva, de Narciso de Lacerda. A própria corda da ironia é tangida, em sarcasmos que ressumam lágrimas, pela mão desesperada e nervosa do grande Camilo, quando verifica, no trágico final da vida em que o próprio génio o tortura, que o abandonara a amizade como já desaparecera a luz dos seus olhos...

As várias escolas têm nos *Cem Sonetos* a sua representação confiada a alguns dos seus luminares mais pujantes. Representa-se a escola clássica, a romântica, a ultra-romântica, a parnasiana, a revolucionária, a naturalista, a simbolista, nos seus tipos mais perfeitos e brilhantes, livres de exageros ou deficiências que delas possam dar uma idea menos exacta. Os nomes de Camões, de Rodrigues Lôbo, de José Bonifácio de Andrade e Silva, de Bocage, de Tomás Ribeiro, de Fernando Caldeira, de Manuel Duarte de Almeida, de Gonçalves Crespo, de Machado de Assis, de Junqueiro, de Gomes Lial, de Alberto de Oliveira, de António Nobre, Eugénio de Castro e Camilo Pessanha são nomes representativos de todas as evoluções literárias a que o soneto, como os outros géneros de poesia, tem obedecido. Forma-se uma grinalda de talentos sôbre a lira toda entrelaçada de flores, em que, desde Petrarca, se tem pousado a mão dos cantores apaixonados pela beleza, o ideal e a verdade.

*

Não resisto ao desejo de assinalar, em alguns dos sonetos a que estou aludindo, certas comparações a que êles se prestam. Assim, por exemplo, será fácil ao leitor, curioso dêste género de análises, comparar o soneto de Antero de Quental *A Virgem,* que é o III nesta colecção, com o da *Aparição,* ou seja o XV, que o nome saùdoso de António Nobre firma. É o mesmo êxtase, é a mesma profunda e doce emoção, coando-se de maneira idêntica através do espírito de dois poetas que todavia

por tantas características se diferenciam. Outro exemplo interessante está nos sonetos V e XLIX, respectivamente de Gomes Lial e de Manuel Duarte de Almeida, que evidentemente se inspiraram num soneto francês, a que já aludi, e de que é autor Charles Baudelaire, *Correspondances*. Oiçam-o os leitores, e verão que a *Aromatografia* de Manuel Duarte de Almeida e as relações do *Som* e da *Côr*, cantadas por Gomes Lial, tiveram evidentemente por ponto de partida esta página das *Fleurs du Mal:*

La nature est un temple où de vivants piliers
laissent parfois sortir de confuses paroles.
L'homme y passe à travers de forêts de symboles
qui l'observent avec des regards familiers.

Comme de longs échos qui de loin se confondent
dans une ténébreuse et profonde unité,
vaste comme la nuit et comme la clarté,
les parfums, les couleurs et les sons se répondent.

Il est des parfums frais comme des chairs d'enfants,
doux comme les hautbois, verts comme les prairies,
— et d'autres corrompus, riches et triomphants,

ayant l'expansion des choses infinies,
comme l'ambre, le musc, le benjoin et l'encens,
qui chantent le transport de l'esprit et des sens.

¿Não está, neste admirável soneto (que, de resto, é um soneto irregular, visto que as rimas das duas quadras não são as mesmas, como sucede nos sonetos LVI,

de João Lúcio, LXXI, de Guerra Junqueiro, XCI, de António Feijó, e XCII, de Costa Alegre, sem contar os de Camilo Pessanha, êsse extraordinário artista em que se notam arpejos de Verlaine)—não está neste admirável soneto a génese do *Som* e *Côr* e da *Aromatografia?* Ninguêm o duvidará, como ninguêm duvidará que a essa mesma inspiração obedeceu o célebre soneto das *Voyelles*, de Artur Rimbaud :

A *noir*, E *blanc*, I *rouge*, U *vert*, O *bleu*, *voyelles*,
je dirai quelque jour vos naissances latentes:
A, *noir corset velu des mouches éclatantes*
qui bourdonnent autour des puanteurs cruelles,

golfes d'ombre; E, *candeurs des vapeurs et des tentes,*
lances des glaciers fiers, rois blancs, frissons d'ombrelles;
I, *pourpre, sang craché, rire des lèvres belles,*
dans la colère ou les ivresses pénitentes;

U, *cycles, vibrements divins des mers virides,*
paix des pâtis semés d'animaux, paix des rides
que l'alchimie imprime aux grands fronts studieux;

O, *suprême clairon, plein de strideurs étranges,*
silences traversés des mondes et des anges,
— O, *l'Oméga, rayon violet de ses yeux!*

Dos sonetos que os franceses reputam verdadeiros *tours de force*, quando não passa cada verso de três, duas ou uma sílaba poética, publica-se nesta colecção um *specimen*, que é o de Fernando Lial, autor do so-

neto XXVII. É a única correspondência que se encontra para o interessante soneto atribuído a J. de Rességuier, e que passo a transcrever, como verdadeiro modêlo no género :

Fort
belle,
elle
dort.

Frêle
sort!
Quelle
mort!

Rose
close,
la

brise
l'a
prise.

Outra interessante constatação advirá de se relembrar as deliciosas quadras de Théophile Gautier, a que Raimundo Correia, no adorável soneto XXVI, o das *Pombas*, e António Nobre, no soneto LXV, evidentemente recorreram para os arquitectar. Eis os versos do divino Théo :

Sur le coteau, là-bas où sont les tombes,
un beau palmier, comme un panache vert,
dresse sa tête, où le soir les colombes
viennent nicher et se mettre à couvert.

Mais le matin elles quittent les branches:
comme un collier qui s'égrène, on les voit
s'éparpiller dans l'air bleu, toutes blanches,
et se poser plus loin, sur quelque toit.

Mon âme est l'arbre, où tous les soirs, comme elles,
de blancs essaims de folles visions
tombent des cieux en palpitant des ailes,
pour s'envoler, dès les premiers rayons...

Outras analogias se poderiam ainda notar, para frisar, como de justiça, que sôbre temas iguais ou semelhantes, interpretando todas as sensações, desde as mais fortes às mais delicadas, o espírito poético da raça não empalidece nem sofre quebra. E já que falei em delicadezas e requintes, em que um dos nossos poetas, o Sr. Júlio Dantas, é mestre, desejo fixar aqui um soneto de Albert Samain, interessantíssimo, mas que não sobreleva à finura de rendas e ao brilho de espadas que nos versos do autor da *Ceia dos Cardeais* esmaltam de graça e encanto o espírito das aventuras :

Grand air. Urbanité des façons anciennes..
Haut cérémonial. Révérences sans fin.
Créqui, Fronsac, beaux noms chatoyants de satin.
Mains ducales dans les vieilles valenciennes,

mains royales sur les épivettes. Antiennes
des évêques devant Monseigneur le Dauphin.
Gestes de menuets et cœurs de biscuit fin;
et Ces grâces que l'on disait Autrichiennes.

Princesses de sang bleu, dont l'âme d'apparat,
des siècles, au plus pur des castes macéra.
Grands seigneurs pailletés d'esprit. Marquis de Sèvres.

Tout un monde galant, vif, brave, exquis et fou,
avec sa fine épée en verrouil, et surtout
ce mépris de la mort, comme une fleur, aux lèvres!

É conveniente notar que Albert Samain é um poeta de fama recente, que nenhuma influência exerceu em Júlio Dantas. Trata-se apenas daquilo a que Alphonse Daudet apropriadamente chamava «o parentesco do espírito». O intuito desta aproximação é simplesmente levar o leitor a comparar a maneira, em ambos os poetas, graciosa e subtil, com que desenham as gentilezas e os encantos do passado.

*

Estou convencido de que em todas as antologias luso-brasileiras poucos dos sonetos desta série deixariam de ter um lugar que bem se poderia considerar ganho por direito de conquista. Não nego que haja um ou outro soneto mais fraco nesta colecção, que não foi formada num dia, mas sim obedeceu a uma escolha demorada e rigorosa. Também não é lícito avançar que não há entre êles uns que reluzem como jóias de maior preço e outros que mais se adivinham do que brilham, pelo perfume simples que derramam. Tinha de ser assim, e devia ser assim — para vibrar todas as notas, para patentear todas as côres, para delinear todas as curvas, para desenhar todos os gestos, para exprimir todas as vozes, como num concêrto em que todas as artes se

conjugassem e todas as melodias espalhassem no ar a sua música inefável.

A Poesia é isto: a reünião dos vários sentimentos, agora respirando a sublimidade, logo traduzindo a candura, não raro flamejando na alta e vermelha chama das mais violentas paixões, ou fazendo soar a nota estrídula das mais imprevistas excentricidades. Nenhuma escala, nenhuma gama, falecem no conjunto da sua expressão divina, em que o riso alterna com as lágrimas, a revolta com os idílios, a sátira com a elegia, as pompas do estilo com a simplicidade casta dos que balbuciam as primeiras emoções do coração. Assim, das aves que cantam, do rouxinol mais orgulhoso ao pintassilgo mais modesto, na floresta onde os ecos da solidão se espraiam, e vão desvanecendo entre as fôlhas das árvores que vibram, um concêrto eterno entoa os hinos viçosos do ideal, numa tremulina de trilos, ou numa revoada de gorgeios, em que tudo se confunde para a suprema beleza duma harmonia perfeita.

Nos sonetos que vão ler-se há de tudo, desde as explosões do génio imortal até aquela nota sentida que chora um amor tímido e mal desabrochado, com uma frescura de sentimento que já não é apenas a dum ser, mas a da própria raça que da sua melancolia e doçura tanto gera sorrisos como se desentranha em ais. Porventura os próprios desfalecimentos, uma ou outra imperfeição, aí estarão evidenciando a viva e palpitante humanidade em que tantos estros se inspiraram, e por ela mesma floriram.

Mayer Garção.

OS CEM SONETOS

I

Alma minha gentil, que te partiste
tam cedo desta vida descontente,
repousa lá no céu eternamente
e viva eu, cá na terra, sempre triste.

Se lá no assento etéreo onde subiste
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tam puro viste.

E se vires que pode merecer-te
alguma cousa a dor que me ficou
da mágua, sem remédio, de perder-te;

roga a Deus que teus anos encurtou
que tam cedo de cá me leve a ver-te,
quam cedo de meus olhos te levou.

LUÍS DE CAMÕES
(Português)

II

— Ora (direis) ouvir estrêlas! Certo,
perdeste o senso! E eu vos direi, no emtanto,
que, para ouvi-las, muita vez desperto
e abro a janela, pálido de espanto.

E conversamos longo tempo, emquanto
a Via Láctea, como um pálio aberto,
scintila. E ao vir o sol, saudoso e em pranto,
ainda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: — Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
tem o que dizem quando estão contigo?

E eu vos direi: — Amai para entendê-las,
pois só quem ama pode ter ouvido
capaz de ouvir e de entender estrêlas!

OLAVO BILAC
(Brasileiro)

III

Num sonho todo feito de incerteza,
de nocturna e indizível ansiedade,
é que eu vi teu olhar de piedade,
e, mais que piedade, de tristeza.

Não era o vulgar brilho da beleza,
nem o ardor banal da mocidade;
era outro brilho, era outra suavidade,
que até não sei se as há na natureza.

Um místico sofrer; uma ventura,
feita só do perdão, só da ternura
e da paz da nossa hora derradeira.

Oh! visão, visão triste e piedosa,
fita-me assim calada, assim chorosa,
e deixa-me sonhar a vida inteira.

ANTERO DE QUENTAL
(Português)

IV

Quando eu morrer, abram-me o peito,
e desta jaula, onde houve um leão,
tirem — o cárcere era estreito —
meu velho e altivo coração.

Depois, sem dó e sem respeito,
sem um murmúrio de oração,
lancem-o assim — vai satisfeito! —
à vala obscura, à podridão!

Para que morra e se desfaça
no lodo amargo da desgraça
por quem bateu contínuamente,

como um tambor que, entre a metralha,
estoira, ao fim duma batalha,
rouco, furioso, ansioso, ardente...

GUERRA JUNQUEIRO
(Português)

V

Alucina-me a côr! A Rosa é como a lira,
a lira pelo tempo há muito engrinaldada,
e é já velha a união, a núpcia sagrada
entre a côr que nos prende e a nota que suspira.

Se a terra, às vezes, cria a flor que não inspira,
a teatral camélia, a branca enfastiada,
muitas vezes, no ar, perpassa a nota alada
como a perdida côr dalguma flor que expira.

Há plantas ideais dum cântico divino,
irmãs do oboé, gémeas do violino,
— há gemidos no azul, gritos no carmezim...

A magnólia é uma harpa etérea e perfumada,
e o cacto, a larga flor, vermelha e ensangùentada,
tem notas marciais: soa como um clarim.

GOMES LIAL
(Português)

VI

Com ledo rosto e coração festivo,
seguindo o atalho do regato à beira,
entro às vezes na selva que peneira
orvalho e sol, como um dourado crivo.

Fronte ensombrada, aspecto pensativo
de árvores mil, abóbada altaneira
de entrançados festões — estranho e vivo
templo, arcadas de lúcida madeira;

pássaros, flores, pétalas ungidas
de orvalho, errantes plumas coloridas,
rios, penhascos, sol esplendoroso,

claros de céu radiando em flóreo prisma...
Tudo, ajoelhado e trémulo, me abisma,
cego de assombro e extático de gôzo.

ALBERTO DE OLIVEIRA
(Brasileiro)

VII

Acorda cedo como os passarinhos
e vem logo direita à minha cama;
sacode-me com jeito, por mim chama
e abre-me os olhos com os seus dedinhos.

Estremunhado, zango-me: —Beijinhos,
não quer beijinhos? com voz de ouro exclama.
Da minha ira empalidece a chama,
e acarinhando-a pago os seus carinhos.

Senhor! Que amor de filha tu me deste!
Dá-lhe um caminho brando e sem abrolhos,
dá-lhe a virtude por amparo e guia;

e destina também, ó Pai celeste,
que a mão com que ela agora me abre os olhos,
seja a que há-de fechar-mos algum dia!

EUGÉNIO DE CASTRO
(Português)

VIII

Esvelta surge! Vem das águas, nua,
timonando uma concha alvinitente!
Os rins flexíveis e o seio fremente...
Morre-me a bôca por beijar a tua.

Sem vil pudor! Do que há que ter vergonha?
Eis-me formoso, moço e casto, forte...
Tam branco o peito! para o expor à Morte;
mas que ora — a infame! — não se te anteponha!

A hidra torpe!... Que a estrangulo, esmago-a
de encontro à rocha onde a cabeça te há-de,
com os cabelos escorrendo água,

ir inclinar-se, desmaiar de amor,
sob o fervor da minha virgindade,
e o meu pulso de jovem gladiador.

CAMILO PESSANHA
(Português)

IX

Se a cólera que espuma, a dor que mora
na alma e destrói cada ilusão que passe,
tudo o que punge, tudo o que devora
o coração, no rosto se estampasse;

se se pudesse o espírito que chora
ver, através da máscara da face,
quanta gente, talvez, que inveja agora
nos causa, então piedade nos causasse.

Quanta gente que ri, talvez consigo
traz um feroz, recôndito inimigo,
como invisível chaga cancerosa.

Quanta gente, talvez, no mundo existe
cuja ventura única consiste
em parecer, aos outros, venturosa!

RAIMUNDO CORREIA
(Brasileiro)

X

Meu ser evaporei na lida insana
do tropel das paixões que me arrastava.
Ah! cego, eu cria, ah! mísero, eu sonhava
em mim quási imortal a essência humana.

De que inúmeros sóis a mente ufana
a existência falaz me não dourava!
Mas eis sucumbe a natureza, escrava
do mal que a vida, em sua orgia, dana.

Prazeres, sócios meus e meus tiranos!
Esta alma que, sedenta, em si não coube,
no abismo vos sumiu dos desenganos.

Deus, ó Deus! Quando a morte a luz me roube,
ganhe um momento o que perderam anos,
saiba morrer o que viver não soube.

BOCAGE
(Português)

XI

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
a luz que nesta vida me guiava,
olhos fitos na qual até contava
ir os degraus do túmulo descendo.

Em se ela anuviando, em a não vendo,
já se me a luz de todo anuviava;
despontava ela apenas, despontava
logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gémea da minha, ingénua e pura
como os anjos do céu (se o não sonharam...)
quis mostrar-me que o bem bem pouco dura!

Não sei se me voou, se ma levaram;
nem saiba eu nunca a minha desventura
contar aos que ainda em vida não choraram...

JOÃO DE DEUS
Português)

XII

Abri meus olhos ao raiar da aurora
e parti. Veio o sol, e, então, segui-a,
a sombra, que eu julgava guiadora,
a minha própria sombra fugidia.

E foi subindo o sol; ao meio-dia
escondeu-se-me aos pés a sombra; agora
se volvo o olhar onde passei outrora,
vejo-a a seguir-me, a sombra que eu seguia.

A gente é o sol dum dia; sobe, avança,
passa o zénite, e vai na imensidade
apagar-se do mar, onde se lança...

E a vida é a própria sombra; meia idade,
sòmos nós que a seguimos, e é a Esperança;
depois segue-nos ela: é a Saudade.

FERNANDO CALDEIRA
(Português)

XIII

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:
— «Quem me dera que fôsse aquela loura estrêla
que arde no eterno azul como uma eterna vela!»
Mas a estrêla, fitando a lua, com ciúme:

— «Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
que da grega coluna, ó gótica janela!
contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!»
Mas a lua, fitando o sol com azedume:

— «Mísero! tivesse eu aquela enorme, aquela
claridade imortal, que toda a luz resume!»
Mas o sol, inclinando a rútila capela:

— «Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfada-me esta azul e desmedida umbela...
Porque não nasci eu um simples vagalume?...»

MACHADO DE ASSIS
(Brasileiro)

XIV

Não quero! Tenho horror que a sepultura
mude em vermes meu corpo enregelado.
Se no fogo viveu minha alma pura,
quero, morto, meu corpo calcinado.

Depois de ser em cinzas transformado,
lancem-me ao ar, ao seio da natura...
Quero viver no espaço ilimitado,
no mar, na terra e na celeste altura.

E talvez no teu seio, ó virgem linda,
tam branco como o seio da virtude,
eu, feito cinzas, me introduza ainda.

E no teu coração, pequeno e forte,
ó gôzo triste! viva lá na morte,
já que na vida lá viver não pude!

COSTA ALEGRE
(Português)

XV

Pelas espadas que tu tens no peito,
pelos teus olhos roxos de chorar,
pelo manto que trazes de astros feito
por êsse modo tam lindo de andar;

por essa graça e êsse suave jeito,
pelo sorriso (que é de sol e luar)
por te ouvir assim sôbre o meu leito,
por essa voz, baixinha: «Há-de sarar...»

por tantas bênçãos que eu sinto na alma,
quando chegando vens, assim, tam calma;
pela cinta que trazes, côr dos céus;

adivinhei teu nome: Aparição!
pois consultando, manso, o coração,
senti dizer em mim: «A mãe de Deus!»

ANTÓNIO NOBRE
(Português)

XVI

Margarida Gautier, o teu amor assombra;
teu corpo é um bordel; mas a tua alma é chama...
e a flor também se dá num pântano de lama,
como em qualquer jardim ou em qualquer alfombra.

Embriaga-me o sol; mas gosto mais da sombra
porque o sol não me escuta, e a sombra é que me chama...
e eu, que desprezo tudo, eu amo só quem ama,
amo talvez a dor que o meu olhar ensombra...

Para que um astro brilhe é necessária a noite;
porêm, estrêlas há que antes que o sol se acoite,
já elas, pelo azul, desfolham malmequeres...

Assim, o teu amor, estranhamente raro,
rasgando a podridão em pleno dia claro,
mostrou que tinhas alma às almas das mulheres!

JOSÉ DURO
(Português)

XVII

Primavera. Um sorriso aberto em tudo. Os ramos
numa palpitação de flores e de ninhos.
Dourava o sol de outubro a areia dos caminhos
— lembras-te, Rosa? — e ao sol de outubro nos amámos.

Verão. Lembras-te, Dulce? Ao pôr do sol, sòzinhos,
tentou-nos o pecado. Olhaste-me, e pecámos,
e o vento sacudia os roseirais vizinhos,
ó Laura! a vez primeira em que nos abraçámos.

Veio o inverno. Porêm, sentada em meus joelhos,
nua, presos aos meus os teus lábios vermelhos,
lembras-te, Branca? — ardia a tua carne em flor.

Carne, que queres mais? Coração, que mais queres?
Passam as estações, e passam as mulheres,
e eu tenho amado tanto, e não conheço o amor!

OLAVO BILAC
(Brasileiro)

XVIII

Não procurem saber quem Ela é,
porque nunca o direi; e se algum dia
encontrarem a minha poesia,
hão-de encontrar êste mistério ao pé!

Nunca o busquem saber; quem sabe até
se eu também o não sei, e se essa Via
que para lhe falar eu seguiria
a posso caminhar pelo meu pé?

Quem sabe quanto choro eu no que canto;
quem sabe se é uma morta, e se o meu pranto
é que lhe mata a sêde num jazigo?

E quem sabe, quem sabe lá, se, emfim,
Ela nunca existiu senão em mim
e tudo o que me diz sou eu que o digo?

NUNES CLARO
(Português)

XIX

Feliz do que viveu nas épocas preclaras,
em que a rude alma antiga era simples e sã,
e Patriarcas Hebreus, de grandes barbas claras,
tinham a alegre paz duma oriental manhã!...

Eram tempos liais! Desde o Horeb a Kanaan,
o Senhor abençoava as águas e as searas,
e as serranas gentis, as Rebecas, as Saras,
iam, cantando alto, aos poços de Madian...

Sim, eram tempos chãos, brancos, simples, lavados,
em que Ruth e Booz ceifavam nos seus prados,
e as princesas riais iam lavar nos rios...

O Pai dava, em seu lar, asilo aos caminhantes.
A Mãe criava ao peito os futuros gigantes.
E a Avó fiava a lã, com seus dedos macios.

GOMES LIAL

(Português)

XX

Quem poluíu, quem rasgou os meus lençóis de linho,
onde esperei morrer — meus tam castos lençóis?
Do meu jardim exíguo os altos girasóis
quem foi que os arrancou, e lançou no caminho?

Quem quebrou (que furor cruel e simiesco!)
a mesa de eu cear, tábua tôsca de pinho?
E me espalhou a lenha? E me entornou o vinho?
—Da minha vinha o vinho acidulado e fresco...

Ó minha pobre mãe!... Não te ergas mais da cova.
Olha a noite, olha o vento. Em ruína a casa nova.
Dos meus ossos o lume a extinguir-se breve.

Não venhas mais ao lar. Não vagabundes mais,
alma da minha mãe... Não andes mais à neve,
de noite a mendigar às portas dos casais.

CAMILO PESSANHA
(Português)

XXI

Êste leito que é o meu, que é o teu, que é o nosso leito,
onde êste grande amor floriu, sincero e justo,
e unimos, ambos nós, o peito contra o peito,
ambos cheios de anelo e ambos cheios de susto;

êste leito que aí está revôlto assim, desfeito,
onde humilde beijei teus pés, as mãos, o busto,
na ausência do teu corpo, a que êle estava afeito,
mudou-se, para mim, num leito de Procusto!...

Louco e só! Desvairado! A noite vai sem termo,
e estendendo, lá fora, as sombras augurais,
envolve a natureza e penetra o meu ermo.

E mal julgas talvez, quando, acaso, te vais,
quanto me punge e corta o coração enfêrmo
êste horrível temor de que não voltes mais!...

EMÍLIO DE MENESES
(Brasileiro)

XXII

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia o pai, servia a ela
que a ela só por prémio pretendia.

Os dias na esperança dum só dia
passava, contentando-se com vê-la:
porêm o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel lhe deu a Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
assim lhe era negada a sua pastora
como se a não tivera merecida,

começou a servir outros sete anos,
dizendo: «Mais servira, se não fôra
para tam longo amor tam curta a vida».

LUÍS DE CAMÕES
(Português)

XXIII

Ao charco mais escuso e mais imundo
chega uma hora, no correr do dia,
em que um raio de sol, claro e jocundo,
o visita, o alegra e o alumia;

pois eu, nesta desgraça em que me afundo,
nesta contínua e intérmina agonia,
nem tenho uma hora só dessa alegria
que chega às cousas ínfimas do mundo!...

Deus meu, acaso a roda do Destino
a movimentam vossas mãos liais
num aceno impulsivo e repentino,

sem que na cega turbulência a domem?!
Senhor, não é um seixo o que esmagais;
olhai que é o coração dum homem!

AUGUSTO GIL

(Português)

XXIV

Nunca choras, mulher! Sempre o teu rosto,
formoso como um sonho de Ticiano,
há-de esconder êsse tremendo arcano
que te consome a vida em tal desgôsto!

Nunca! pois nunca, ó divinal composto,
vogando à beira do saudoso oceano,
perla de amor, em teu martírio insano,
beijar-te vem às horas do sol pôsto?!

Ai, chora uma só lágrima na vida!
A gota rosi-argêntea das auroras
caia em tua alma triste e ressequida!

Às tuas negras, ermas, cruéis horas,
desça orvalho do céu! Chora, querida!
Tenho mêdo de ti! Porque não choras?

TOMÁS RIBEIRO
(Português)

XXV

Palavras não são mais do que clarões, cuspidos
sôbre a lama que leva em seu costado o ar...
Não fez Deus as palavras para os teus ouvidos;
não as forrou de sol para eu lhes ir falar:

Mendelssohn escreveu sem palavras: dorido,
teus dedos de marfim souberam-o escutar...
Calado é que me ouviste estes longos gemidos
que queimam o papel, onde os passo a chorar!

Palavras? Para quê? Não tem um grito a chama
no crepitar azul da bôca triunfante?
E não fala no olhar o ardor de quem se ama?

Nas palavras vem já a alma arrefecida,
e se a palavra brilha é sol para um instante!
Só no silêncio eterno é que rutila a Vida.

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA
(Português)

XXVI

Vai-se a primeira pomba despertada...
vai-se outra... vai mais outra... emfim, dezenas
de pombas vão-se dos pombais, apenas
raia, sangùínea e fresca, a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada
sopra, aos pombais, de novo, elas, serenas,
ruflando as asas, sacudindo as penas,
voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações, onde abotoam,
os sonhos, um por um, céleres voam,
como voam as pombas dos pombais.

No azul da adolescência as asas soltam;
fogem... mas aos pombais as pombas voltam,
e êles aos corações não voltam mais.

RAIMUNDO CORREIA
(Brasileiro)

XXVII

Margarida!
Teu Jesus,
nessa cruz
ressequida,

traz perdida
toda a luz
que seduz,
luz da vida.

Ouve-me isto:
deixa o Cristo,
deixa a dor;

és formosa,
vive e goza,
crê no amor!

FERNANDO LIAL
(Português)

XXVIII

Tua frieza aumenta o meu desejo.
Fecho os meus olhos para te esquecer,
e quanto mais procuro não te ver,
quanto mais fecho os olhos, mais te vejo.

Humildemente atrás de ti rastejo,
humildemente, sem te convencer,
emquanto sinto para mim crescer
dos teus desdêns o frígido cortejo.

Sei que jamais hei-de possuir-te. Sei
que outro, feliz, ditoso como um rei,
enlaçará teu virgem corpo em flor.

O meu amor, no emtanto, não se cansa:
amam metade os que amam com esperança,
amar sem esperança é o verdadeiro amor.

EUGÉNIO DE CASTRO
(Português)

XXIX

Que triste o olhar do cão! Até parece
mais um queixume, um íntimo lamento
da noite interior que lhe escurece
o coração, que é todo sentimento.

Contemplai um boi. Vêde o tormento
que em seus olhos tam calmos transparece...
E os olhos da ovelhinha e do jumento,
que tristes! Só o vê-los entristece...

Chora em todo o crepúsculo a tristeza,
e, além do ser humano, a natureza
é um crepúsculo ainda feito de ais...

Por isso o vosso olhar da escuridão
é mais lágrima ainda que visão,
ó tristes e saudosos animais!

TEIXEIRA DE PASCOAIS

(Português)

XXX

Ó virgens que passais ao sol poente
pelas estradas ermas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente
que me transporte ao meu perdido lar.

Cantai-me, nessa voz omnipotente,
o sol que tomba, aureolando o mar,
a fartura da seara reluzente,
o vinho, a graça, a formosura, o luar.

Cantai! cantai as límpidas cantigas!
Das ruínas do meu lar desaterrai
todas aquelas ilusões antigas

que eu vi morrer num sonho, como um ai...
Ó suaves e frescas raparigas
adormecei-me nessa voz... Cantai!

António Nobre
(Português)

XXXI

Como a ave que volta ao ninho antigo,
depois dum longo e proceloso inverno,
eu quis também rever o lar paterno,
o meu primeiro e virginal abrigo.

Entrei. Um génio carinhoso e amigo,
o fantasma, talvez, do amor materno.
tomou-me a mão, olhou-me, grave e terno,
e, passo a passo, caminhou comigo.

Era esta a sala... — oh! se me lembro, e quanto! —
em que da luz nocturna à claridade,
minhas irmãs e minha mãe... O pranto

jorrou-me em ondas. Resistir quem há-de?
Uma ilusão gemia a cada canto,
chorava em cada canto uma saudade.

LUÍS GUIMARÃES
(Brasileiro)

XXXII

É inocente e triste, essa criança!
Tem umas formas ideais, discretas,
e o vento, ao agitar-lhe as tranças pretas,
o vento bebe o aroma a cada trança.

É inocente e triste, essa criança!
Tem transformado muitos em poetas,
ela que vende ramos de violetas
e que anda neste mundo, sem bonança...

Que Deus proteja a pobre criancita
e conserve a virtude à pobrezita,
que não tem ilusões, nem tem amores,

e, desde que nasceu, só fez um crime,
que a negra fome apenas lhe redime:
vender suas irmãs, vender as flores...

João Clímaco
(Português)

XXXIII

O primeiro conviva, em punho a taça,
ergueu-se de repente e com voz rouca
bradou: «Amigos! Permiti que faça
uma saúde à Morte, a velha louca!

A minha história é triste, e muito pouca...
Sou, como vós, um filho da desgraça.
Amei uma mulher. Que mimo e graça!
Oh! que pé andaluz! Que olhar! Que bôca!

Na noite do noivado — ouvi, devassos! —
beijei-a doidamente entre meus braços,
e arremessei-a ao mar, trémula e nua.

Ninguêm não mais a gozará um dia!
Repousa ali a minha noiva, fria,
guardada pelo olhar frio da lua!»

GOMES LIAL
(Português)

XXXIV

Tanta cousa, e Ela não! Sêdas e flores,
sorrisos de mulher, tanta criança!
Oiço bater as asas da esperança,
e um sonho canta sôbre as minhas dores.

Tanta gente, e Ela não! Tantos amores,
tantas almas ao sol, tanta bonança
de quem deseja apenas o que alcança,
e não tem, como eu, sonhos maiores.

Ah! Tanta gente que não é ninguém!
Só Ela, apenas, hoje é que não vem,
Ela que é tudo, porque a quero assim;

Ela que é o Amor a quem eu chamo,
Ela que é a melhor, porque eu a amo,
—Ela que é minha, e nunca olhou p'ra mim!

NUNES CLARO
(Português)

XXXV

Camões, grande Camões, quam semelhante
acho o teu fado ao meu quando os cotejo.
Igual causa nos fez perder o Tejo,
arrostar com o sacrílego gigante.

Como tu, junto ao Ganges sussurrante,
da penúria cruel no horror me vejo;
como tu, gostos mil que em vão desejo
também carpindo estou, saudoso amante.

Ludíbrio como tu da sorte dura,
meu fim suplico ao céu, pela certeza
de que só terei paz na sepultura.

Modêlo meu tu és; mas, ó tristeza!
se te imito nos lances da ventura,
não te imito nos dons da natureza.

BOCAGE
(Português)

XXXVI

Só a leve esperança, em toda a vida,
disfarça a pena de viver, mais nada;
nem é mais a existência, resumida,
que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
sonho que a traz ansiosa e embevecida,
é uma hora feliz, sempre adiada,
e que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,
árvore milagrosa que sonhamos
toda arreada de dourados pomos,

existe, sim; mas nós não a alcançamos,
porque está sempre apenas onde a pomos,
e nunca a pomos onde nós estamos.

VICENTE DE CARVALHO
(Brasileiro)

XXXVII

Vai declamando um cómico defunto.
Como a plateia ri, perdidamente!
E o cheiro a goivos, a melado, a quente,
e o pó do chão... O anacrónico assunto...

Muda o registo... Eis uma barcarola...
Lírios, lírios, águas do rio, a lua...
Ante o seu corpo o sonho meu flutua
sôbre um paúl — extática corola... —

Muda outra vez: gorgeios, estribilhos
dum clarim de ouro — o cheiro de junquilhos,
tam vivo e acre — tocando a alvorada...

Cessou... E, amorosa, a alma das cornetas
quebra-se agora, orvalhada e velada...
Primavera... Manhã... Que eflúvio de violetas!...

CAMILO PESSANHA
(Português)

XXXVIII

Deitada ali, naquela pedra fria,
sem vestes, nua, triste criatura!
E que mixto de graça e de candura
nesse cadáver alvo como o dia!

Nua! Ela que estava virgem, pura!...
Flor da miséria honesta! ah! quem diria
que o nosso olhar de profanar havia
tam pudibunda e rara formosura?

Olhai! os seus cabelos fartos, louros,
aos olhos sem respeito, êsses tesouros
tentam furtar a derradeira vez.

E, flor! nós vamos retalhar-te agora,
emquanto neste instante por ti chora,
beijar-te pensa a tua mãe, talvez!

COSTA ALEGRE
(Português)

XXXIX

Ali, onde o mar quebra, num cachão
rugidor e monótono, e os ventos
erguem pelo areal os seus lamentos,
ali se há-de enterrar meu coração.

Queimem-o os sóis da adusta solidão
na fornalha do estio, em dias lentos;
depois, no inverno, os sopros violentos
lhe revolvam em tôrno o árido chão...

Até que se desfaça, e, já tornado
em impalpável pó, seja levado
por turbilhões que o vento levantar...

Com suas lutas, seu cansado anseio,
seu louco amor, dissolva-se no seio
dêste infecundo, dêste amargo mar!

ANTERO DO QUENTAL
(Português)

XL

Logo que entrava na taberna, e quando
lhe punham vinho em frente sôbre a mesa,
o seu olhar de mágua e de incerteza
era no chão que se ia concentrando.

Alguêm, que um dia o esteve contemplando,
pôde contar à multidão surprêsa
que êle cravava os olhos de tristeza
sôbre um retrato de mulher, chorando.

A multidão dos magros bebedores
ouvia aquela narração de amores,
indiferente e estúpida, sorrindo...

E o desgraçado a um canto, embriagado,
fitava os olhos no retrato amado,
fitava os olhos e beijava-o, rindo...

JOÃO SARAIVA
(Português)

XLI

Emfim... Nas verdes pêndulas ramadas,
cantai, pássaros! Vinde ouvi-lo, rosas!
Abri-vos, lírios! Rescendei, medrosas
miosótis e acácias perfumadas,

prestai-me ouvido! Saibam-no as cheirosas
balsas e as leiras flóridas plantadas;
aves e flores, flores e alvoradas,
alvoradas e estrêlas luminosas,

saibam-no agora! Os céus e a esfera toda
saibam-no agora! Emfim, sua mão, de leve...
—Borboletas, que pressa! Andais-me em roda...

Auras, silêncio! — Emfim, sua mãozinha,
sua mão de jaspe, sua mão de neve,
sua alva mão pude apertar na minha!

ALBERTO DE OLIVEIRA
(Brasileiro)

XLII

Maria, com seus olhos magoados,
céus espirituais, lavava em pranto
as largas chagas de Jesus, emquanto
ria ao pé um dos três crucificados.

Semblantes de mulher, amargurados,
escondiam a dor no casto manto.
Uma mulher de Hennon chorava a um canto.
Jogavam, sôbre a túnica, os soldados.

Marta, os pingos de sangue, alva açucena,
dir-se-ia no bom seio recolhê-los.
Alguns riam, brutais, daquela pena.

Salomé tinha um mar nos olhos belos,
João fitava a Cruz. Mas Madalena
limpava a Cristo os pés com os seus cabelos.

GOMES LIAL
(Português)

XLIII

Sonho que sou um cavaleiro andante
por desertos, por sóis, por noite escura...
Paladino do amor, busco, anelante,
o palácio encantado da Ventura.

Mas já desmaio, exausto, vacilante,
quebrado o elmo já, rôta a armadura,
quando, súbito, o avisto, fulgurante,
na sua pompa e aérea formosura.

Com grandes golpes bato à porta e brado:
— Eu sou o Vagabundo, o Deserdado!
Abri-vos, portas de ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas de ouro com fragor;
mas dentro encontro só, cheio de dor,
silêncio, escuridão e nada mais...

ANTERO DE QUENTAL
(Português)

XLIV

Horas breves do meu contentamento,
nunca me pareceu quando vos tinha
que vos visse tornadas tam azinha
em tam compridos dias de tormento.

Aquelas tôrres que fundei no vento,
o vento mas levou, que mas sustinha;
do mal que me ficou a culpa é minha,
pois sôbre cousas vãs fiz fundamento.

Amor com brandas mostras aparece,
tudo possível faz, tudo assegura,
mas logo no melhor desaparece.

Ó cegueira tamanha! ó desventura!
Por um pequeno bem que desfalece
aventurar um bem que sempre dura!

DIOGO BERNARDES
(Português)

XLV

Floriram por engano as rosas bravas
no inverno: veio a neve desfolhá-las...
Em que scismas, meu bem? Porque me calas
as vozes com que há pouco me enganavas?

Castelos doidos! tam cedo caístes!
Onde vamos, alheio o pensamento,
de mãos dadas? Teus olhos que, um momento,
perscrutaram os meus, como são tristes!

E sôbre nós cai nupcial a neve,
surda, em triunfo, pétalas, de leve
juncando o chão, vago estendal de gelos...

Em redor do teu vulto é como um véu!
Quem as esparze — quanta flor! — do céu
sôbre nós dois, sôbre os nossos cabelos?...

CAMILO PESSANHA
(Português)

XLVI

O perfume da mirra faz-me mal...
Põe-me na alma um bem que estava ausente,
mas vem queimar-me o corpo, febrilmente,
como ao deitar a água sôbre a cal...

E então, nesse momento, únicamente
a matéria me atrai... Como um chacal,
rujo, se o meu olhar, febril e ardente,
descobre, nu, um corpo sensual...

E é por isso, mulher, que eu sofro e choro!
É por te ver, ó meu ideal que adoro!
é por te ver em sonhos perfumados!

Mas que ventura me perfuma o peito,
quando te aperto, no espaldar do leito,
e oiço gemer dois pombos esmagados...

LUÍS GUIMARÃES, FILHO
(Brasileiro)

XLVII

Palavras há que dizem tanto dia,
há nomes onde tanta alvura é acesa,
que, quando o nosso lábio os pronuncia,
a nossa alma, dentro em nós, os reza.

Ser um astro é ser luz, e ser Maria
é ser alma, é ser céu, ser da pureza,
e, mais que da pureza, da agonia
se a agonia é maior do que a tristeza.

Santa entre as santas, bela entre as mais belas,
que bem te diz o nome de Maria!
Há um cruzeiro no céu com cinco estrêlas!...

Nome que deixa sempre os lábios doces,
tua alma é já de si essa ambrosia...
Eras Maria... embora não o fôsses!

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA
(Português)

XLVIII

Dante foi louco, Beatriz amou;
e Camões a Natércia suspirada,
em versos de loucura apaixonada,
a Natércia cruel divinizou.

E Petrarca por Laura suspirou,
a juvenil beleza decantada...
Tanta mulher, porêm, morre ignorada,
a quem nunca poeta algum cantou!

Eu, por amar, alguêm me chamou louco.
A vida é triste, a vida vale pouco,
e vem depressa a hora derradeira.

E se o amor já constitui loucura,
ai! tristes dos que buscam a ventura,
e então é louca a humanidade inteira!

JOÃO CLÍMACO
(Português)

XLIX

Se alguma vez tentasse, ó minha amada!
na tela desenhar teu nobre busto hebreu,
não iria pedir, bucólico Dirceu,
à neve, à rosa, ao lírio, a tinta delicada.

A gazela medrosa, a pomba assetinada,
o ébano, o marfim, o sol, o azul do céu,
nada tinham que dar-me, ó fouveiro escarcéu,
flama alongada em lago, onde a minha alma nada!

Perfumes na paleta em vez de tintas pondo,
derramara o benjoim no teu seio redondo,
nessa bôca a mordente escalónia; e no olhar

a magnólia que lembra um antártico mar;
e a rajada do sul, impregnada de aromas,
pintara o turbilhão das tuas negras comas.

MANUEL DUARTE DE ALMEIDA
(Português)

L

Que imensas agonias se formaram
sob os olhos de Deus! Sinistra hora
em que o homem surgiu! Que negra aurora,
que amargas condições o escravizaram!

As mãos, que um filho amado amortalharam,
erguidas buscam Deus. A Fé implora...
E o céu que respondeu? As mãos baixaram,
para abraçar a filha morta agora.

Depois um pai em trevas vai sonhando,
e apalpa as sombras dêles onde os viu
nascer, florir, morrer! Desastre infando!

Ao teu abismo, pai, não vão confortos...
És coração que a dor empederniu,
sepulcro vivo de dois filhos mortos.

CAMILO CASTELO BRANCO
(Português)

LI

Quando se fez ao largo a nave escura,
na praia essa mulher ficou chorando,
no doloroso aspecto figurando
a lacrimosa estátua da amargura.

Dos céus a curva era tranquila e pura;
dos gementes alciones o bando
via-se ao longe, em círculo, voando
dos mares sôbre a cérula planura.

Nas ondas se atufara o sol radioso,
e a lua sucedera, astro mavioso,
de alvor banhando os alcantis das fragas...

E aquela pobre mãe, não dando conta
que o sol morrera, e que o luar desponta,
a vista embebe na amplidão das vagas.

GONÇALVES CRESPO
(Português)

LII

Fomos um dia os dois, como dois bons amigos,
— lembras-te? — aberta ao sol a sombrinha vermelha,
ver nos grandes salões da tua quinta velha
uns célebres panneaux *de azulejos antigos.*

Século XVII. *Um encanto. Os perigos*
que uma dama passou por causa duma abelha;
um coche que se afasta, um galã que ajoelha
e ao longe um fundo azul de campos e de trigos...

De repente, tremeu na tua a minha mão;
baixaste o olhar; coraste: ao canto do salão,
o mesmo par azul unia-se num beijo...

Lá fora, o sol dourava a terra palpitante.
Apertei-te ao meu peito, e... amor, daí por diante,
continuámos nós dois a história do azulejo.

JÚLIO DANTAS
(Português)

LIII

Levas na fronte a c'roa da inocência,
levas no lábio um riso imaculado;
partiste para o céu, piedosa essência,
em procura do místico noivado.

Mas, contudo, na doce transparência,
nas linhas do teu rosto desmaiado,
eu leio-te os segredos da existência,
os mil dramas da carne e do pecado.

Esmagaste do amor as garras brutas,
cingindo ao corpo um bárbaro cilício;
mas, ó virgem das virgens impolutas,

quantas vezes, no horror do sacrifício,
não chegaste a invejar as prostitutas,
que à noite dormem sôbre o mar do vício!

GUERRA JUNQUEIRO
(Português)

LIV

Tuas cartas rasguei uma por uma:
cento e catorze páginas e tiras
de juramentos, de promessa, em suma,
de perfídias, de sonhos, de mentiras.

Mas... chorei ao rasgá-las! Tinha alguma
cousa a implorar nelas por ti; e as iras
foram-se; e agora, cólera nenhuma
neste peito haverá, por mais que o firas.

Eram mentiras, eu bem sei... No emtanto,
cada rompida página era um cardo
que enterrava no peito em cada canto.

E eis porque, ajoelhado, após instantes,
os pedaços juntei... e agora os guardo
com mais amor do que as guardava dantes!

HUMBERTO DE CAMPOS
(Brasileiro)

LV

Se creio em ti, meu Deus! Pois quem há pôsto
lumes no céu e rosas na campina,
na pedra o musgo, a relva na colina
e a fé nas almas cheias de desgôsto?

Se creio em ti! Pois quem há dado ao rosto
da mulher dois faróis de luz divina
e à rocha a gota de água cristalina
e a sombra aos dias cálidos de Agosto?

Se creio em ti, meu Deus!... Quando eu, outrora,
quis meus olhos cerrar à luz da aurora,
por que não visse pelo ar disperso

tanto sonho de amor, que em vão sonhara,
lembrei-me, então, de quanto me ensinara
a voz de minha mãe junto ao meu berço...

NARCISO DE LACERDA
(Português)

LVI

Há tanta sensação que não conheço,
tanto vibrar de nervos que não sinto,
e contudo parece que as pressinto,
apesar de ver bem que as desconheço.

A sensação que tem, à noite, o ar
quando o orvalho o toca, em beijos de água,
é, porventura, irmã daquela mágoa
que sente, quando chora, o meu olhar?

Tem, porventura, alguma semelhança
a sensação dum cravo numa trança,
com a ânsia de quem morre afogado?

E fico-me a pensar que sentirá
uma vidraça quando o sol lhe dá,
e a rasga a mão da luz, de lado a lado...

JOÃO LÚCIO
(Português)

LVII

Amortecera o lume da lareira;
no pálido clarão, que o fundo esmalta,
a minha fantasia que se exalta,
vê passar mil visões, como em fileira.

Como as fagulhas correm na madeira
e morrem, passam elas na ribalta;
nem uma só lembrança ali me falta
de tanto que passei na vida inteira!

Oh! deixem-me sonhar um sonho infindo!
Dormir é reviver. Quero, dormindo,
viver o meu passado tam risonho!

Não me despertes, anjo da saudade...
Tanto sonho já foi realidade;
já foi realidade... e agora é sonho!

D. João da Câmara
(Português)

LVIII

Se te procuro, fujo de avistar-te,
e se te quero, evito mais querer-te,
desejo quási, quási aborrecer-te,
e se te fujo, estás em toda a parte.

Distante, corro logo a procurar-te,
e perco a voz, e fico mudo ao ver-te;
se me lembro de ti, tento esquecer-te,
e, se te esqueço, cuido mais amar-te.

O pensamento assim partido ao meio,
e o coração assim também partido,
chamo-te, e fujo; quero-te, e receio!

Morto por ti, eu vivo dividido,
entre o meu e o teu ser sinto-me alheio,
e, sem saber de mim, vivo perdido!

JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADE E SILVA
(Brasileiro)

LIX

Num céu intemerato e cristalino
pode habitar talvez um Deus distante,
vendo passar, em sonho cambiante,
o Ser, como espectáculo divino.

Mas o homem, na terra onde o destino
o lançou, vive e agita-se incessante:
enche o ar da terra o seu pulmão possante...
cá da terra blasfema ou ergue um hino...

A idea encarna em peitos que palpitam:
o seu pulsar são chamas que crepitam,
paixões ardentes como vivos sóis!

Combatei, pois, na terra árida e bruta,
té que a revolva o remoinhar da luta,
té que a fecunde o sangue dos heróis!

ANTERO DE QUENTAL
(Português)

LX

Formoso Tejo meu, quam diferente
te vejo e vi me vês agora e viste;
turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
claro te vi eu já, tu a mim contente.

A ti foi-te trocando a grossa enchente
a quem teu largo campo não resiste;
a mim trocou-me a vista em que consiste
o meu viver contente ou descontente.

Já que somos no mal participantes,
sejamo-lo no bem. Ah! quem me dera
que fôssemos em tudo semelhantes!

Lá virá então a fresca primavera,
tu tornarás a ser o que eras dantes,
eu não sei se serei quem dantes era.

LUÍS DE CAMÕES
(Português)

Ver nota A.

LXI

Amigos cento e dez, e talvez mais,
eu já contei. Vaidades que eu sentia!
Pensei que sôbre a terra não havia
mais ditoso mortal entre os mortais.

Amigos cento e dez, tam serviçais,
tam zelosos das leis da cortesia,
que eu, já farto de os ver, me escapulia
às suas curvaturas vertebrais.

Um dia adoeci profundamente.
Ceguei. Dos cento e dez, houve um sómente
que não desfez os laços quási rotos.

— Que vamos nós *(diziam)* lá fazer?
Se êle está cego, não nos pode ver...
Que cento e nove impávidos marotos!

CAMILO CASTELO BRANCO
(Português)

LXII

Eu amo os gregos tipos da escultura,
pagãs nuas no mármore entalhadas;
não essas criações que a estufa escura
das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e frescura,
os corpos nus, as linhas onduladas
livres, da carne exuberante e pura
todas as saliências destacadas.

Não quero, a Vénus opulenta e bela
de luxuriantes formas, entrevê-la
da transparente túnica através.

Quero vê-la sem pejos, sem receios,
os braços nus, o dorso nu, os seios
nus... toda nua da cabeça aos pés!

RAIMUNDO CORREIA
(Brasileiro)

LXIII

Desce em folhedos tenros a colina!
— em glaucos, frouxos tons adormecidos
que saram, frescos, meus olhos ardidos
nos quais a chama do furor declina...

Oh! vem, de branco, do imo da folhagem!
Os ramos, leve, a tua mão aparte.
Oh! vem! Meus olhos querem desposar-te,
reflectir-te, virgens, a serena imagem.

Da silva doida uma haste, esquiva,
quam delicada te osculou num dedo
com um aljófar côr de rosa viva!...

Ligeira a saia!... Doce brisa impele-a.
Oh! vem! De branco! Do imo do arvoredo,
alma de silfo, carne de camélia!

CAMILO PESSANHA

(Português)

LXIV

Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque (triste de mim!) porque não raia
só na esfera de Lísia a tua aurora?

Da santa redenção é vinda a hora
a essa parte do mundo que desmaia,
oh! venha... oh! venha, e trémulo descaia
despotismo feroz que nos devora!

Eia! acode ao mortal, que, frio e mudo,
oculta o pátrio amor, torce a vontade,
e em fingir, por temor, empenha o estudo.

Movam nossos grilhões tua piedade;
nosso númen és tu, e glória, e tudo,
mãe do génio e prazer, ó Liberdade!

BOCAGE
(Português)

LXV

Tombou da haste a flor da minha infância alada,
murchou na jarra de ouro o pudico jasmim:
voou aos altos céus a pomba enamorada
que dantes estendia as asas sôbre mim.

Julguei que fôsse eterna a luz dessa alvorada.
e que era sempre dia, e nunca tinha fim
essa visão de luar que vivia encantada
num castelo de prata embutido a marfim!

Mas, hoje, as pombas de ouro, aves da minha infância,
que me enchiam de luz o coração, outrora,
partiram, e no céu evolam-se, a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais;
voltam na asa do vento os ais que a alma chora;
elas, porêm, Senhor! elas não voltam mais...

ANTÓNIO NOBRE
(Português)

LXVI

Já me não amas? Basta! Irei, triste, e exilado
do meu primeiro amor para outro amor, sòzinho...
Adeus, carne cheirosa! Adeus, primeiro ninho
do meu delírio! Adeus, belo corpo adorado!

Em ti, como num vale, adormeci, deitado,
no meu sonho de amor, em meio do caminho...
Beijo-te ainda uma vez, num último carinho,
como quem vai sair da Pátria, desterrado!

Adeus, corpo gentil, pátria do meu desejo!
Berço em que se enplumou o meu primeiro idílio,
terra em que floresceu o meu primeiro beijo!

Adeus! Êsse outro amor há-de amargar-me tanto
como o pão que se come entre estranhos, no exílio,
amassado com fel, embebido de pranto.

OLAVO BILAC
(Brasileiro)

LXVII

A idea do teu corpo branco e amado,
beleza escultural e triunfante,
persegue-me, mulher, a todo o instante
como o assassino o sangue derramado.

Quando o teu corpo pálido, beijado,
abandonas ao leito, palpitante,
quem jamais contemplou, em noite amante,
tentação mais cruel, tom mais nevado?

No emtanto — duro, excêntrico desejo! —
quisera as vezes que a dormir te vejo,
tranquila, branca, inerme, unida a mim,

que o teu sangue corresse, de repente,
— fascinação da Côr! — e, estranhamente,
te colorisse, pálido marfim!

GOMES LIAL
(Português)

LXVIII

Num mirante que a hera revestia
passei a minha mocidade à espera
dêsse que em ledos sonhos me aparecera
e que em constantes sonhos me aparecia.

Menina e moça, deslizar eu via
moços mais lindos do que a primavera;
porêm, ó mágoa! nenhum dêles era
o que em constantes sonhos me aparecia.

A Morte me beijou sendo eu tam nova!
Caminhante que passas divagando,
distraído entre as alvas sepulturas:

desfolha algumas flores sôbre esta cova;
és o noivo talvez que estive esperando,
talvez eu seja a noiva que procuras.

EUGÉNIO DE CASTRO
(Português)

LXIX

Ah! ter eu sido a cortesã! dizia
ao Cristo a Madalena soluçante...
Ah! ter eu sido a lúbrica bacante,
a rainha gentil de tanta orgia!

Ah! não ter eu adivinhado um dia,
êsse teu coração formoso e amante!
Nunca o meu corpo, branco e luxuriante,
em mil festins, impudica, exporia!

Depois ficava olhando o Cristo pálido...
Um finíssimo aroma, estranho e cálido,
como um sonho de amor, dela irradiava...

Vinha passando um místico noivado...
E o Cristo, ansioso, em lágrimas banhado:
— Ter ela sido a cortesã! — pensava...

HAMILTON DE ARAÚJO
(Português)

LXX

Do taquaral à sombra, em solitária furna,
(para onde, com tristeza, o olhar curioso alongo),
sonha o negro, talvez, na solidão nocturna,
com os límpidos areais das solidões do Congo.

Ouve-lhe a noite a voz nostálgica e soturna,
num suspiro de amor, num murmurejo longo,
e o rouco, surdo som zumbindo na cafurna,
é o urucungo a gemer na cadência do jongo.

Bemdito sejas tu, a quem, certo, devemos
a grandeza rial de tudo quanto temos!
Sonha em paz! Sê feliz! E que eu fique de joelhos,

sob o fúlgido céu, a relembrar, magoado,
que os frutos do café são glóbulos vermelhos
do sangue que escorreu do negro escravizado!

CIRO COSTA
(Brasileiro)

LXXI

Morreu-me a luz da crença, alva cecêm,
pálida virgem de luzentas tranças...
Dorme agora na campa das crianças,
onde eu quisera repousar também.

A graça, as ilusões, o amor, a unção,
douradas catedrais do meu passado
tudo caíu desfeito, escalavrado,
nos tremendos combates da Razão.

Perdida a fé, êsse imortal abrigo,
fiquei sòzinho, como herói antigo,
batalhando sem elmo e sem escudo.

A implacável, a rígida sciência,
deixou-me tam sómente a Providência;
mas, deixando-me Deus, deixou-me tudo!

GUERRA JUNQUEIRO
(Português)

LXXII

Alegre Pintassilgo, flor vivente,
não cantes, lisonjeia um desgraçado;
suave fontézinha, alma do prado,
não corras, acompanha um descontente.

Vejo que entre essas ramas, livremente,
festivo zombas do meu triste fado;
julgo que entre essas penhas, sem cuidado,
murmuras, rindo, do que peno, ausente.

Mas já que corres livre, sem demoras,
bate essas asas, acelera o passo,
e vai saber dum bem que ausente adoro.

E se queres chegar em breves horas,
voa com estas penas que aqui passo,
corre com estas águas que aqui choro.

ANDRÉ RODRIGUES DE MATOS
(Português)

LXXIII

Não há mulher que não tenha um encanto,
todas são belas seja no que fôr;
a alma, por mais oculta, em qualquer canto
há-de romper, e dar a sua flor.

Mas quando nada dê, temos, no emtanto,
em nós, poder de tudo lhe supor
desde a pureza, se êsse amor é santo,
ao mais, se o nosso amor é bem amor.

Entre as surprêsas de que nos rodeia
a vida, pode uma alma ser perdida?
criatura de amor, que seja feia?

Sonho que eu vivo, e por que, há tanto, chamo!
Quem me dera, através da minha vida,
encontrar, afinal, a que eu não amo!...

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA
(Português)

LXXIV

Entrei na anfiteatro da Sciência,
atraído por mera fantasia,
e aprouve-me estudar anatomia,
por dar um novo pasto à inteligência.

Discorria com toda a sapiência
o lente numa mesa onde jazia
uma imóvel matéria, húmida e fria,
a que outrora animara humana essência.

Fôra uma meretriz; o rosto belo
pude, tímido, olhá-lo com respeito
por entre as negras ondas de cabelo.

A convite do lente, contrafeito,
rasguei-a com a ponta do escalpelo
e não vi coração dentro do peito!

FONTOURA XAVIER
(Brasileiro)

LXXV

O sol na marcha luminosa voa
lançando à terra majestoso olhar;
passa cantando quem o ar povoa
e a praia abraça, venturoso, o mar.

No bosque, o vento docemente entoa,
ouvem-se em côro as multidões cantar:
que a um só triste o coração lhe doa,
que eu seja o único a sofrer, penar!

Por ti, saudade... de quem vai tam perto
e a quem dos olhos e das mãos perdi,
neste tam ermo, lúgubre deserto!

Por ti, ventura... que uma vez senti;
por ti que às vezes a meu peito aperto,
e... o peito aperto sem te ver a ti!

JOÃO DE DEUS
(Português)

LXXVI

Oh! ímpio! tu, que clamas: «não existe
um Deus eterno, a sua Monarquia
é obra de ardilosa fantasia
para reger tirana o povo triste»;

os olhos porventura, dize, abriste
para êsses globos ver? Viste a harmonia,
com que rodam, brilhando noite e dia?
Ah! bem mostras, insano! que os não viste.

Levanta a vista, pois; vê uma estrêla,
uma planta, uma flor, e logo adverte
se a mão produz do Acaso obra tam bela.

Vê-te a ti mesmo; e, para convencer-te,
que maior prova teu engano anela,
pois, para ver que há Deus, basta só ver-te!

ANTÓNIO DINIS DA CRUZ E SILVA
(Português)

LXXVII

Ao canto do salão, olhos vagos no espaço,
êle em púrpura e ouro, ela empoada à francesa,
o senhor Cardeal e a senhora Duquesa
assistem, conversando, a um serão no Paço.

Marca Lucas Giovine o solene compasso;
dança o minuete de Haydn a côrte e Sua Alteza:
e os dois velhos, lembrando a antiga gentileza,
e o tempo em que, amoroso, êle lhe dava o braço,

balbuciam, sorrindo, um tímido segrêdo,
encondem-se inda mais no biombo, quási a mêdo,
como fugindo à luz da sala enorme e acesa,

e quando um criado vem servir-lhes os gelados,
surpreende a dançar, velhinhos e curvados,
o senhor Cardeal e a senhora Duquesa.

JÚLIO DANTAS
(Português)

LXXVIII

Não maldigo o rigor da iníqua sorte,
por mais feroz que fôsse e sem piedade,
arrancando-me o trono e a majestade
quando a dois passos só estou da morte.

Do jugo das paixões minha alma forte
conhece bem a estulta veleidade,
que hoje nos dá contínua felicidade
e amanhã nem um bem que nos conforte.

Mas a dor que excrucia e que maltrata,
a dor cruel que o ânimo deplora,
que fere o coração e pronto o mata,

é ver na mão cuspir, à extrema hora,
a mesma bôca, aduladora e ingrata,
que tantos beijos nela pôs outrora.

D. Pedro II
(Brasileiro)

LXXIX

Não repararam nunca? Pela aldeia,
nos fios telegráficos da estrada,
cantam as aves, desde que o sol nada,
e, à noite, se faz sol a lua-cheia.

No emtanto, pelo arame que as tenteia
quanta tortura vai, numa ânsia alada!
O ministro que joga uma cartada;
alma que, às vezes, d'Além-mar, anseia:

— Revolução! — Inútil — Cem feridos.
Setenta mortos — Beijo-te! — Perdidos!
— Emfim, feliz! — ? —! — Desesperado. — Vem.

E as boas aves, bem se importam elas!
Continuam cantando, tagarelas:
assim, António, deves ser também.

ANTÓNIO NOBRE
(Português)

LXXX

Já Bocage não sou; à cova escura
meu estro vai parar, desfeito ao vento.
Eu aos céus ultrajei, o meu tormento
leve me torne sempre a terra dura.

Conheço agora já quam vã figura,
em prosa e verso fez meu louco intento.
Musa tivera algum merecimento
se um raio de razão seguisse, pura.

Eu me arrependo. A língua, quási fria,
brade, em alto pregão, à mocidade
que atrás do som fantástico corria:

«Outro Aretino fui! A santidade
manchei... Oh! se me creste, gente impía,
rasga meus versos, crê na Eternidade!»

BOCAGE
(Português)

LXXXI

Não se zangue comigo e dê-me a sua mão,
condessa. É mais espesso aqui o arvoredo.
Ando há três anos já p'ra dizer-lhe um segrêdo,
e, creia, ainda não sei se hei-de dizer-lho ou não.

Não sei como explicar esta perturbação:
tenho confiança em si; não é, portanto, mêdo.
Mas receio, não sei, creio que ainda é cedo...
E custa sempre tanto uma desilusão!

Mesmo sem me falar, juro que me adivinha:
bem sinto a sua mão a estremecer na minha,
como ao ar da manhã a folhagem dourada...

Poderia, talvez, dizer-lhe tudo agora...
Condessa, eu... — Mas que tem? Desfalece, descora...
Não, decididamente, eu não lhe digo nada.

JÚLIO DANTAS
(Português)

LXXXII

Pátria, latejo em ti, no teu lenho, por onde
circulo! e sou perfume; e sombra, e sol, e orvalho!
E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,
e subo do teu cerne ao céu, de galho em galho!

Dos teus líquens, dos teus cipós, da tua fronde,
do ninho que gorgeia em teu doce agasalho,
do fruto a amadurar que em teu seio se esconde,
de ti — rebento em luz e em cânticos me espalho!

Vivo — choro em teu pranto; e em teus dias felizes,
no alto, como uma flor, em ti pompeio e exulto!
E eu morto — sendo tu cheia de cicatrizes,

tu golpeada e insultada — eu tremerei, sepulto;
e os meus ossos no chão, como as tuas raízes,
se estorcerão de dor, sofrendo o golpe e o insulto.

OLAVO BILAC
(Brasileiro)

LXXXIII

Na praia lá da Boa Nova, um dia,
edifiquei — foi êsse o grande mal! —
alto castelo — o que é a fantasia! —
todo de lápis-lazúli e de coral.

Naquelas redondezas não havia
quem se gabasse dum domínio igual...
Oh! castelo tam alto! Parecia
o território dum senhor feudal!

Um dia — não sei quando, nem sei donde —
um vento séco de mau sestro e spleen,
deitou por terra, ao pó que tudo esconde,

o meu Condado, o meu Condado! sim,
— porque eu já fui um poderoso Conde,
naquela idade em que se é Conde assim...

ANTÓNIO NOBRE
(Português)

LXXXIV

Não venhas ver-me, não. De que servia?
Nem eu tenho coragem para tanto.
Gostava muito, sim, mas todo o encanto
da tua grande ausência acabaria.

É tornar-te a perder. Num certo dia,
tu partes novamente, e todo o pranto,
ou pouco ou muito — não importa quanto —
nunca o compensa uma hora de alegria.

Mas se eu não posso ter outro desejo!
Se eu, não te vendo a ti, nada mais vejo!
Como é que, sendo assim, não te hei-de ver?

Responde-te a minha alma comovida:
—Vale mais ter um mal por toda a vida
do que alcançar um bem para o perder.

VIRGÍNIA VITORINO
(Portuguesa)

LXXXV

«Meu coração (disseste) há muito é morto...
Morreu, porque faltaste e não podia
viver mais para o amor, para a alegria,
sem teu braço, teu beijo, teu confôrto...»

Eis repetida, pois, a lenda do horto
de Arezzo, aonde um sêco arbusto, um dia,
brotou, floriu, por o tocar quando ia
o cadáver dum santo ao último pôrto.

É a mesma história, a repetir-se: o olmeiro
que ao bater no ataúde reverdece
e abre em fôlhas e flores todo inteiro.

É êste lírico espírito que anïmas
e que, ao sentir teu coração, floresce,
aberto em sonhos e desfeito em rimas!

HUMBERTO DE CAMPOS
(Brasileiro)

LXXXVI

O escudeiro e o seu amo, Herói magro e violento,
sinto-os em mim, e em cada humana criatura...
Vivemos a brigar com moinhos de vento,
e sempre ouvindo, ao pé, Sancho, que nos censura.

Um figura a bondade, o espírito, o talento,
e ama a glória, a beleza, a refrega e a bravura;
o outro ama a carne, a mesa, as honras, o ouro e o argento,
e odeia a alma heróica, o perigo e a aventura.

À franqueza, piedade, arrôjo, altanaria
do Fidalgo opõe Sancho a astúcia, a covardia,
a baixeza vilã e o egoísmo feroz...

E Sancho é vencedor quási sempre... — Ó Cervantes,
teus célebres heróis vivem juntos, qual dantes,
em disputas sem fim, na alma de todos nós!

CORREIA DE ARAÚJO
(Brasileiro)

LXXXVII

Formoso rio Lis que entre arvoredos
ides detendo as águas vagarosas;
até que umas sôbre outras, invejosas,
ficam cobrindo os vãos dêstes penedos;

verdes lapas que aos pés de altos rochedos
sois moradas das ninfas mais formosas,
Fontes, Árvores, Ervas, Lírios, Rosas,
em que esconde o Amor tantos segredos;

se vós, livres de humano sentimento,
em que não cabe escolha nem vontade
também às leis do amor guardais respeito;

como se há-de livrar meu pensamento
de render alma, vida e liberdade,
se conhece a razão de estar sujeito?

FRANCISCO RODRIGUES LÔBO
(Português)

LXXXVIII

Do altar do amor já muito pouco disto...
Vejo na aurora que a neblina encobre
a doce amada que entre os céus avisto,
qual Circe linda a cujo olhar me dobre.

E é êsse o prémio que a sorrir conquisto...
Gosto da infância, tenho amor ao pobre;
mas faço ainda êste pedido nobre,
ó meu sublime e incompreendido Cristo!

se ela soltar esta inocente queixa:
que eu não a adoro e que a não amo... oh! deixa
ouvir-lhe a voz de beijos sufocados,

e, nos seus olhos a brilhar incertos,
ler o que dizem quando estão abertos,
ler o que pensam quando estão fechados!

LUÍS GUIMARÃES, FILHO
(Brasileiro)

LXXXIX

Constantemente vejo o filho amado
na minha escuridão, onde fulgura
a estática pupila da loúcura,
sinistra luz dum cérebro queimado.

Nas rugas do seu rosto macerado
transpira a crudelíssima tortura
que escurentou na pobre alma tam pura
talento, aspirações... Tudo apagado!

Meu triste filho, passas vagabundo
por sôbre um grande mar, calmo, profundo,
sem bússola, sem norte, sem farol...

Nem gôzo nem paixão te altera a vida!
Eu choro sem remédio a luz perdida...
Bem mais feliz és tu, que vês o sol.

CAMILO CASTELO BRANCO
(Português)

XC

Realçam no marfim da ventarola
as tuas unhas de coral, felinas
garras com que, a sorrir, tu me assassinas,
bela e feroz... O sândalo se evola;

o ar cheiroso em redor se desenrola;
pulsam os seios, arfam as narinas...
Sôbre o espaldar de sêda o torso inclinas,
numa indolência mórbida, espanhola...

Como eu sou infeliz! Como é sangrenta
essa mão impiedosa que me arranca
a vida aos poucos, nesta morte lenta!

Essa mão de fidalga, fina e branca;
essa mão que me atrai e me afugenta,
que eu afago, que eu beijo e que me espanca!

RAIMUNDO CORREIA
(Brasileiro)

XCI

Como um dos seus avós, em justas e em torneios;
—Pais de Abranches, que foi dos Dôze de Inglaterra *!—*
numa ânsia de glória, em loucos devaneios,
corre o mundo, de mar em mar, de terra em terra.

Não leva escudo o moço heróico, nem couraça,
que o tempo é vil! Mas, como arnês de Paladino,
leva a honra e o valor de toda a sua raça,
— grande exemplo, a apontar-lhe o mais alto destino!

Mão na espada, a entrever combates, a alma pura,
já belo — dessa estranha e amarga formosura
que o fim próximo imprime aos vencidos da sorte,

vai na tolda a sonhar — sonho feito em pedaços...
— Pais de Abranches voltou, com a noiva nos braços;
êle voltou também... mas nos braços da morte!

ANTÓNIO FEIJÓ
(Português)

Ver nota B.

XCII

O coração é a pêndula da vida,
batendo com monótona cadência.
Em cada lenta vibração tangida
um segundo se extingue da existência.

O relójio vital não tem consêrto.
Se pára, ai! a última pancada
daquele ritmo compassado e certo
cede o lugar às vibrações da enxada!

O amor, as esperanças, as quimeras,
— flores gentis das nossas primaveras —
tudo reside ali, no coração.

E tudo cessa e se reduz ao nada,
quando solta essa última pancada,
indo nutrir os vermes, num caixão!

COSTA ALEGRE
(Português)

XCIII

Às mãos o escopro, olhando o mármore: «Quero
— o estatuário disse — uma por uma,
as perfeições que têm as formas de Hero
talhar em pedra que o ideal resuma».

E rasga o Paros. Toda graça e esmero,
eis se arredonda a fronte em nívea espuma;
eis ressalta o nariz dum talhe austero;
alça-se o colo, o seio se avoluma;

alargam-se as espáduas; veia a veia,
mostram-se os braços... Cede a pedra ainda
a um golpe; e o ventre nítido se arqueia.

A curva, emfim, das pernas se acentua...
E ei-la acabada a estátua, heróica e linda,
cópia divina da beleza nua.

ALBERTO DE OLIVEIRA
(Brasileiro)

XCIV

Colaborou comigo a Primavera
em tudo quanto há tempos te escrevia,
e são da rosa, do lilás, da hera,
muitos dos versos que te dei um dia.

No meio duma rima mais severa,
mais intensa, ou mais cheia de harmonia,
eu, quantas vezes, me fiquei à espera
a ver como é que o sol a acabaria!

As imagens mais altas e formosas
são dêle, e são dos lírios, mais das rosas,
da luz da hora toda em que te vi;

de modo que êsse amor lindo e distante
— foi o Sol que te amou por um instante,
o mês de Maio que gostou de ti.

NUNES CLARO
(Português)

XCV

Desde às fainas campestres de Vergílio,
até as negras espirais do Dante,
da tragédia cruel ao doce idílio,
do brando arrulho à voz altissonante,

da palavra dos deuses em concílio,
até o soluçar dum peito amante,
chorando ausências de forçado exílio,
há tanta cousa que um poeta cante!

Dêle o domínio é pasmoso, imenso!
Mas, do céu, tem o espírito suspenso,
não desce nunca ao ínfimo paúl!

Sôbre o que é baixo e vil, perpassa leve,
e só desdobra as asas, côr da neve,
na vastidão sem fim do eterno azul!

FERNANDES COSTA
(Português)

XCVI

Dá para a cêrca a estreita e humilde cela
dessa que os seus abandonou, trocando
o calor da família ameno e brando
pelo claustro que o sangue esfria e gela.

Nos florões manuelinos da janela
pipilam aves o seu ninho armando.
Vêem-se ao longe os trigos ondulando...
Maio sorri na pradaria bela.

Zumbe o insecto na flor do rosmaninho;
nas giestas pousa a abelha, ébria de gôzo;
zunem besouros e palpita o ninho.

E a freira scisma e cora, ao ver, ansioso,
do seu catre virgíneo sôbre o linho
um par de borboletas amoroso.

GONÇALVES CRESPO
(Brasileiro)

XCVII

Solta o canto de guerra a Walkíria formosa!
Vai galgando a campina azul do firmamento;
montada em seu corcel mais rápido que o vento,
corta o espaço, marcial, selvagem, vitoriosa.

Baixa o sol na floresta; os céus são um portento!
Sôlto o manto auroreal, sôlta a juba radiosa,
fulgindo-lhe o elmo alado e a couraça escamosa,
passa como num sonho e num deslumbramento.

Ó caminhada louca através do Infinito!
Cavalgada febril sôbre as nuvens ardentes!
Enche os ares, reboa um clamoroso grito...

E a guerreira, ao passar de escudo e lança em riste,
acorda os alcantis e as florestas dormentes
da Escandinávia branca, e nebulosa, e triste.

MARIA DA CUNHA
(Portuguêsa)

XCVIII

Mandas-me as prendas que te dei outrora;
aí vão aquelas que me deste um dia...
Seja! acabe-se tudo... e que a alegria
doure essa grácil cabecinha loura.

Aí vai o lenço, onde, orvalhada aurora,
choraste uma manhã quando eu partia,
e a mecha de cabelos, luzidia,
dada em risonha, inolvidável hora.

Aí vão as rosas, onde a tua bôca
pousaste, afável, antes que mas desses,
certo dia em que eterno amor jurámos...

Nada mais tenho teu: é finda a troca,
se o desejo não tens (ah! se o tivesses!...)
de destrocar os beijos que trocámos...

EUGÉNIO DE CASTRO

(Português)

XCIX

Pára! Uma terra nova ao teu olhar fulgura!
Detêm-te! Aqui, de encontro a verdejantes plagas,
em carícias se muda a inclemência das vagas...
Êste é o reino da Luz, do Amor e da Fartura!

Treme-te a voz afeita às blasfêmias e às pragas,
ó nauta! E olha-a, de pé, virgem morena e pura,
que aos teus beijos entrega, em plena formosura,
— os dois seios que, ardendo em desejos, afagas...

Beija-a! O sol tropical deu-lhe à pele dourada
o barulho do ninho, o perfume da rosa,
a frescura do rio, o esplendor da alvorada...

Beija-a! É a mais bela flor da natureza inteira!
E farta-te de amor nessa carne cheirosa,
ó desvirginador da Terra Brasileira!

OLAVO BILAC
(Brasileiro)

C

Na mão de Deus, na sua mão direita,
descansou afinal meu coração.
Do palácio encantado da Ilusão
desci, a passo e passo, a escada estreita.

Como as flores mortais, com que se enfeita
a ignorância infantil, despôjo vão!
despi do ideal e da paixão
a forma transitória e imperfeita.

Como a criança, em lôbrega jornada,
que a mãe leva no colo, agasalhada,
e atravessa, sorrindo vagamente,

mares, selvas, areias do deserto,
dorme o teu sono, coração liberto!
dorme na mão de Deus eternamente.

ANTERO DE QUENTAL
(Português)

NOTAS

A — Êste soneto tem sido objecto de acesas discussões literárias. Primitivamente atribuído a Camões, tem-se pretendido últimamente que êle é da autoria de Francisco Rodrigues Lôbo. Não o afirmamos nem o negamos, e se o firmamos com o nome do poeta dos *Lusíadas* foi apenas porque, forçados a escolher, visto que não podíamos assiná-lo com dois nomes, se nos afigurou mais natural fazê-lo com o do poeta a que primitivamente fôra atribuído. Entretanto devemos dizer que Camilo Castelo Branco e a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos entendem que o soneto é de Rodrigues Lôbo; em contraposição, o Sr. Teófilo Braga inclina-se para a paternidade de Camões.

B — O belo soneto de António Feijó, a que esta nota se refere, foi sugerido pela infausta e prematura morte do Conde de Arnoso (João), jovem oficial de marinha, e descendente de Pais de Abranches. Vem a propósito esclarecer também que o soneto L, *A maior dor humana,* de Camilo Castelo Branco, foi inspirado ao seu autor pela morte sucessiva dos dois filhos do Sr. Teófilo Braga.

ACABOU DE SE IMPRIMIR

a 5 de Janeiro de 1920

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

Composto em máquina «Linotype»

BINDING SECT. AUG 14 1968

PQ
9161
S7C45

Garção, Mayer
Os cem sonetos

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9161
S7C45

Os cem sonetos